

Sabe aquelas estórias que contavam pra gente quando éramos crianças?

Tenho medo delas, quase todas. Algum psicanalista deve ter uma resposta que sintetiza tudo isso, algum tipo de problema na fase anal. Eu não sei o que isso significa, nem quero saber, deve ser algo muito ruim. Só consigo me lembrar de um ou outro evento que pode explicar um ou outro medo.

Até hoje tenho medo da Comadre Florzinha, muito medo mesmo. Comadre florzinha, aquela que vive na mata fechada, gosta de pimenta, tem os pés voltados para trás, não gosta de quem fala palavrão e te faz se perder no mato se for da vontade dela. Pra mim, três samambaias juntas já formam uma mata fechada. Simples assim. Tenho medo do verde. Tenho medo de verde, também. Tanto medo que se eu estiver passando em frente a um muro verde e alguém gritar “Comadre Florzinha” eu vou correr pra caralho sem nem olhar pra trás.

A estória de Joãozinho e Maria é outro bom exemplo. Fique aterrorizado quando ouvi aquilo. Tudo finalmente fazia sentido. Consegui instantaneamente entender o que acontecia comigo quando ia à casa da minha avó, tias e amigas da minha mãe. Elas queriam me engordar o mais rápido possível. Só isso fazia sentido. Minha mãe era cúmplice, acho até que ela era a cabeça, só não tinha coragem de fazer tudo sozinha, deve ser algo muito difícil empanturrar o próprio filho de comida até o ponto de abate. É aí que entravam as outras, um rodízio elaborado de anfitriãs, cada uma com refeições gigantescas e sobremesas suficientes pra dezenas de crianças. Eu sabia do plano delas, mas não conseguia resistir. Mesmo depois decifrar toda aquela farsa eu não conseguia rejeitar aquela comida. Entrei em crise, não sabia em quem confiar. Minha vida se tornou um inferno. Não tinha mais ninguém. Não conseguia viver daquele jeito, tinha que por um fim naquilo tudo. Então, com muita calma, elaborei um plano que ou me faria fugir de casa ou devolveria minha paz. Eu tinha que comer um pedaço da parede da casa de alguma delas, se tivesse gosto parecido com o de biscoito, tava fudido. Minha avó era a próxima no rodízio. Esperei pela hora do almoço como um condenado espera a hora da cadeira elétrica. Chegara a hora da verdade. Enquanto me preparava pra ir pra casa dela me despedi dos meus brinquedos, do meu quarto, meu vídeo game. Poderia ser a ultima vez que os via. Banco de trás, minha mãe no volante. Chegamos à casa da véia. Ela na varanda, sorridente, seu plano estava perto do fim, mais dois quilos e eu virava oficialmente obeso. Ritual de sempre, comida até onde a vista alcança, tudo brilhando de manteiga. A melhor refeição da minha vida. Triste, mas gostosa. Uma mordida, uma lagrima. Minha mãe me perguntou varias vezes se eu estava bem. Quase cheguei a acreditar que ela se importava comigo, mas me lembrei que ela se interessava na qualidade da minha carne. ‘Boi que morre só, não se come’ é o que dizem. Terminei o almoço. Manjar de ameixa na sobremesa. Chorei mais um pouco, as duas me olhavam assustadas. Peguei a colher e comi o manjar o mais lentamente que pude, devo ter levado quase meia hora pra terminar o pedaço. Terminei e sai da mesa de cabeça baixa. ‘Ele está muito estranho, melhor deixar ele só’ minha avó disse pra minha mãe. Fui pro quarto de visitas, peguei uma chave de fenda e meti na parede. Atrás da tinta azul havia um material granuloso, meio amarelado. Farelo de milho? Só havia um jeito de descobrir. Raspei um pouco com a chave de fenda e meti língua. Era barro. Que gosto ruim do caralho! Comecei a tossir, tossir fuderosamente, minha mãe veio em ver o que era e me viu segurando uma chave de fenda, a parede raspada e minha língua amarela. Ela me deu água, me deu uma pisa e me levou pra um psicólogo.

Também tenho medo de psicólogos, mas isso é outra estória, conto depois.